
de um delinqüente madrileno procedente de família operária de classe média baixa. É uma espécie de pesquisa participante que se desenvolveu e se concretizou pelas vozes dos próprios protagonistas. Tendo como modelo o problema da heroína, Gamella desenha a história social da droga na Espanha. Para não comprometer as pessoas, os nomes verdadeiros dos indivíduos e lugares foram deliberadamente substituídos por outros, fictícios. Mas a história de Julian e de seus companheiros tanto é verdadeira como, ao mesmo tempo, cruel. Traduz-se em “um novo estilo de vida, uma nova realidade subcultural” de experiências de dissociabilidade, autodestruição (a maioria morreu ou está com SIDA) e auto-agressão (a opção no consumo das drogas é endovenosa).

O problema foi estudado no meio natural onde jovens construía sua identidade e comportamento, forjados na exclusão e na marginalização social e traduzidos pela opção à ilegalidade e desprezo aos valores estabelecidos. É identificado todo um processo de transformação coletiva, caracterizado por uma linguagem própria e ritualizada. Vivendo em grupos ou *gangs*, os *yonkies*, como são chamados os heroinomanos na Espanha, são liderados por indivíduos que assumem imagens de “heróis-bandidos” de forma cinematográfica, simbolizando, por um lado, a rebeldia social e, por outro, poder e sucesso de comando.

É também uma “história eminentemente masculina, onde o papel feminino é secundário e dependente ...”. As mulheres são geralmente iniciadas por seus companheiros, quando no estabelecimento da relação sexual. A proporção é de quatro indivíduos do sexo masculino para um do sexo feminino. Os grupos de risco compreendem jovens nascidos pós-64, época de profundas transformações sociais e políticas e no mundo e na própria Espanha. Para estes

jovens, “o consumo de drogas pesadas, quer seja heroína ou cocaína, ou, ainda, o uso de fármacos se converte no elemento central de suas vidas”.

O autor mostra que a este problema a sociedade tem como resposta o discurso da intolerância e de alarme social e pânico moral, não só estigmatizando, mas estereotipando e culpabilizando. Por outro lado, mostra também como o Estado intervém, respondendo com medidas repressivas através da carcerização massificada, da medicalização substitutiva. Por sua vez, no cenário entra também a mídia que, através de seus diferentes canais de divulgação publicitária, mais colabora para a extensão do problema do que para sua prevenção.

Gamella destaca e discute também, em seu livro, o fato de o uso de drogas na Espanha ter sido importado e difundido a partir do modelo norte-americano de sociedade consumista, através de fluxos culturais divulgados principalmente pelos meios de comunicação: cinema, TV, imprensa sensacionalista. Isso parece ficar evidente quando é decodificada e analisada a linguagem utilizada pelos *yonkies*, repleta de anglicismos.

Finalizando, como o próprio autor afirma, este é um texto que pode ter “várias leituras e interpretações”, o que caracteriza sua autenticidade de investigação. O seu caráter universal pode, por outro lado, ser identificado, mesmo que a investigação tenha sido realizada na Espanha, pelos determinantes semelhantes aos de outros países onde o problema tem a mesma dimensão social.

Dalva A. Mello

Faculdade de Ciências da Saúde
Fundação Universidade de Brasília

Ecologia, Epidemiologia e Sociedade. O. P. Forattini. São Paulo: Artes Médicas/EDUSP, 1992. 529 p., ilus., bibliografia.

Este livro pode ser considerado um precursor de *Diálogo Sobre Ecologia, Ciência e Política*, de César Benjamin, que mostra uma dis-

cussão entre um pesquisador de ciências naturais e outro de ciências sociais.

Ecologia, epidemiologia e sociedade são uma escada. A ecologia envolve tudo; a epidemiologia, no caso em apreço, é uma ecologia dos agravos que sofre o homem. Este, por sua vez, vive numa sociedade diferente da dos demais

seres vivos, uma vez que ela é regida não só pelos fatores naturais, mas, também, pela cultura, tomada no sentido mais amplo.

Logo no prólogo sente-se a preocupação que sempre norteou a vida do autor: a de servir, através de sua Faculdade, à sociedade em que vive.

Ainda no prólogo, adoramos a crítica feita aos textos que apresentam uma visão “bem-comportada” do conhecimento científico. Em um país subdesenvolvido como o nosso, o pesquisador necessita ter mentalidade de sub-servivo para estar sempre preocupado em romper as comportas que retêm o nosso desenvolvimento científico. Veja-se a primeira geração de Manguinhos.

A idéia de começar o estudo da ecologia com a origem da vida está perfeita, pois esta foi o primeiro fenômeno ecológico. Além disso, os conceitos fundamentais da ecologia estão apresentados de maneira muito elegante. O mesmo pode-se dizer com respeito aos parâmetros populacionais.

Muito bem colocado um capítulo sobre evolução, pois ecologia e evolução são elementos inseparáveis. Na mesma categoria está a explanação sobre o princípio antrópico.

Estamos de pleno acordo com a defesa que o autor faz da epidemiologia tradicional. O que

há, hoje em dia, é muito modismo.

Apesar de não concordarmos com alguns pontos de vista do autor, consideramos muito útil a discussão sobre o problema dos acidentes naturais e artificiais.

Muito louvável o convite a outros professores como Ruy Laurenti e Eduardo Massad, para escreverem capítulos. Este último, em “Modelos matemáticos”, dá uma citação de Engels que não resistimos em transcrever: “Do homem que dançava ao redor de uma fogueira, tentando um milagre, ao homem de hoje que circula em volta de um computador, desejando, no seu íntimo, também um milagre, não tem passado muito tempo nem tem-se progredido muito na compreensão do cosmos ou do próprio homem.”

Desta forma, o Prof. Forattini, que já havia escrito *Epidemiologia Geral* com o espírito de que epidemiologia é ecologia médica e tendo sempre em mente que ecologia e evolução são assuntos inseparáveis, nos dá agora um verdadeiro tratado. *Ecologia, Epidemiologia e Sociedade* é, sem sombra de dúvida, uma obra madura.

Mario B. Aragão

Departamento de Ciências Biológicas
Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz

Morrendo à Toa. Causas da Mortalidade no Brasil. Sergio Goes de Paula. São Paulo: Ática, 1991. (Ensaio 134)
ISBN 85-08-03995-6

Sergio Goes de Paula é, sem dúvida nenhuma, o discípulo mais brilhante de Mario Magalhães da Silveira. O autor do livro, originalmente tese de doutoramento na Unicamp, não gosta de afirmações categóricas, mas logo nas primeiras páginas sente-se a sua força.

A proposta do livro é mostrar que dados demográficos, sabidamente precários, podem permitir a compreensão de fenômenos sociais. Logo de início, o autor chama a atenção para o fato de, apesar do Brasil ser um país de grande mortalidade, ser mínima a produção científica sobre o assunto.

Na introdução teórica são comparadas as idéias de Malthus e de Marx. A história veio mostrar que a teoria da população, que deu fama a Malthus, era falsa. Por outro lado, as suas idéias sobre economia, que passaram quase despercebidas, são nada mais nada menos do que o neoliberalismo, que andou em voga no governo Collor. Em contrapartida, as idéias de Marx sobre população são muito mais condizentes com a realidade observável. A acumulação de capital determinaria os níveis de população, tanto a empregada como o chamado “exército industrial de reserva”. Desta forma, segundo o autor, Marx teria desenvolvido uma teoria da superpopulação.

Em “As ilusões perdidas” é discutida a transformação do médico artesão em médico assalariado. Neste mesmo capítulo, ficamos sabendo